

**“As atitudes dos portugueses em relação aos 40 anos do 25 de Abril”**

***Marina Costa Lobo, Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa***

***Relatório para a Conferência ICS – 14 de Abril de 2014 – Fundação Calouste Gulbenkian***

**Com o patrocínio de :**

**Barómetro da Qualidade da Democracia**

**FLAD**

**FCG**

## **Introdução**

No ano em que se celebram os 40 anos do 25 de Abril, o ICS, em parceria com o Expresso e a Sic Noticias e com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, realizou um grande estudo sobre os sentimentos e opiniões dos cidadãos em relação à

democratização portuguesa. Com a realização deste estudo pretendemos possibilitar um debate aprofundado sobre os significados do 25 de Abril, tanto em termos de opinião pública como no que diz respeito ao seu impacto a nível económico, político e social.

Quanto à metodologia do estudo, o inquérito foi realizado pela GfK Metris durante o mês de Janeiro de 2014, junto de uma amostra representativa da população com 15 ou mais anos residente em Portugal Continental, constituída por um total de 1254 inquiridos. Os inquiridos foram selecionados através do método de quotas, com base numa matriz que cruza as variáveis Sexo, Idade (7 grupos), Instrução (2 grupos), Ocupação (2 grupos), Região (7 Regiões GfK Metris) e Habitat/Dimensão dos agregados populacionais (5 grupos). Os resultados foram ponderados, com base nos dados do INE (Censos 2011). A informação foi recolhida através de entrevista directa e pessoal, em total privacidade.

O estudo que hoje aqui apresentamos tem três partes que remetem para temas diferenciados da democratização em Portugal. A primeira está centrada na forma como o 25 de Abril é entendido em função da história portuguesa, tanto no que diz respeito ao muito longo prazo como em comparação com o Salazarismo. A segunda parte do Estudo, que inclui o maior número de questões centra-se sobre os seguintes temas: os objectivos e significados do 25 de Abril, a notoriedade e imagem dos protagonistas da transição para a democracia, e os legados políticos, sociais e económicos do 25 de Abril. A terceira parte do Estudo debruça-se sobre percepções da qualidade da democracia hoje, bem como do contributo dos *media* para ela. No que resta deste texto iremos tratar essencialmente da segunda parte do estudo, que agrega o essencial das questões colocadas aos portugueses sobre o 25 de Abril.

Para testar algumas relações entre variáveis que nos permitam retirar conclusões sobre as três questões que iremos tratar, a saber, os significados e objectivos do 25 de Abril, os protagonistas, e os legados, recorreremos, sempre que julgarmos útil, à análise dos resultados à luz das características socio-demográficas e políticas dos inquiridos. Assim, poderemos responder a questões substantivas sobre temas que têm marcado o debate político em democracia. Em primeiro lugar, o de saber **em que medida o 25 de Abril se terá consensualizado entre os principais grupos sociais. Será que as gerações mais novas, aquelas que já nasceram em democracia têm a mesma perspectiva dos significados do 25 de Abril que aqueles que viveram em ditadura? A educação tem algum efeito sobre as atitudes em relação ao 25 de Abril?**

Do ponto de vista político, sabemos que existe uma importante clivagem em torno dos significados do 25 de Abril entre a classe política que ainda hoje é cultivada. Essa clivagem foi fundamental para estruturar e condicionar o nosso sistema

partidário. E teve várias consequências: desde logo é um dos responsáveis por nunca ter havido uma coligação à esquerda. Mas também, é preciso dizê-lo ainda existe hoje um sentimento de posse de parte da esquerda em relação ao 25 de Abril. Uma consulta rápida aos órgãos de comunicação dos últimos dias dá-nos uma ideia: Mário Soares comentando as comemorações do 25 de Abril organizadas pelo Governo, 4 de Março de 2014, diz o seguinte: *“É inacreditável. [O programa de comemorações do governo] nunca se refere aos militares do MFA, nunca os cita, apesar de terem sido eles – e mais ninguém – quem nos deu o 25 de Abril. (...) É tudo e parece não ser nada. Mas é. É tudo contra o 25 de Abril”*. E ainda Entre as propostas do Executivo, *“não há qualquer referência aos cravos de Abril, talvez por o Presidente da República, Cavaco Silva, nunca se ter dignado a pô-los numa lapela”*. Já a Associação 25 de Abril foi peremptória num comunicado recente, dizendo o seguinte: *“o poder político que actualmente governa Portugal, configura um outro ciclo político que está contra o 25 de Abril, os seus ideais e os seus valores”*. A Associação recusa participar nas Comemorações do Governo sobre o 25 de Abril, mas explica que essa recusa *“não visa as instituições de soberania democráticas”, porque “não as confunde com os que são seus titulares que exercem o poder. O nosso apelo ao povo português e a todas as suas expressões organizadas para que se mobilizem e ajam, em unidade patriótica, para salvar Portugal, a liberdade, a democracia”, conclui o comunicado. (Comunicado à imprensa, 19-04-2004)*. Mais à direita, Nuno Melo explica: *“O CDS revê-se principalmente com a democracia que se firma a 25 de novembro de 1975, dado que a sua ideologia social-cristã e conservadora não pactuou, mesmo que respeitando parlamentarmente, na validação de uma Constituição de pendor marxista quando os outros partidos a validaram.”* (Nuno Melo, Dezembro 2013)

Tendo em conta estas divergências nos significados e percepções sobre o 25 de Abril entre a classe política, **em que medida essas diferenças existem também entre cidadãos? A identificação partidária com um partido de esquerda ainda leva a uma apreciação mais positiva do 25 de Abril? A direita revê-se no 25 de Abril, passados 40 anos da transição?** Os dados apresentados irão permitir responder a essas questões.

Ainda relacionando com as atitudes políticas é possível tentar compreender as atitudes em relação ao momento fundador da nossa democracia com a insatisfação com a democracia que vigora hoje em Portugal. **Será que a insatisfação hoje leva a sentimentos negativos também em relação ao 25 de Abril, ou há uma distinção entre o regime tal como ele foi criado e a situação política hoje?**

**Também faremos uma comparação entre os dados recolhidos em 2014 e um inquérito semelhante que foi realizado em 2004.** As balizas temporais que temos são interessantes pelo seguinte: Por um lado, porque nos permitem responder à primeira questão, a saber se o 25 de Abril entre 2004 e 2014 se tornou mais consensual na sociedade portuguesa. Por outro lado, porque esta baliza temporal cobre o antes e o depois da pior crise económica do período democrático. Em 2004, realizaram-se eleições para o Parlamento Europeu, Durão Barroso abandonou o cargo de Primeiro-Ministro para ir tomar posse como Presidente da Comissão Europeia. O Primeiro-

Ministro cessante já tinha anunciado que Portugal estava “de tanga”, mas a Europa e o euro pareciam estáveis. Dez anos volvidos, a crise económica agravou-se muito em Portugal. O país prepara a saída de um programa da troika negociado e aprovado pelos principais partidos políticos que trouxe, ao longo dos últimos três anos, um programa de enorme austeridade a Portugal. Cortes da despesa pública, incluindo descidas reais dos salários e cortes nas pensões, foram acompanhados de grandes aumentos nos impostos. Estas medidas, implementadas num contexto recessivo na Europa, levaram a uma grande crise económica, que iniciou logo em 2009. Enquanto em 2004 a taxa de desemprego era de 6,7% e o PIB cresceu 1.56%, em 2013 os valores correspondentes eram de 16.3% em 2013 foi -1.4%. O enorme aumento do desemprego é sintomático da deterioração da situação social em consequência da grande quebra na actividade económica. Enquanto em 2004 a economia crescia 1.56%, em 2014 o valor correspondente foi -1.4%.

Tendo em conta este quadro de recessão socio-económica profunda vale por isso a pena perguntar em que medida é que este percurso de uma década terá afectado a forma como se olha para o 25 de Abril hoje. A democratização em Portugal sempre foi entendida tanto pelos partidos como pelos cidadãos como uma forma de convergir com a Europa. A revolução fez-se, tal como explicava José Medeiros Ferreira, para implementar os três Ds: Democratizar, Desenvolver e Descolonizar. Assim, e um pouco como sucede em vários países europeus a democracia é entendida em Portugal como uma forma procedimental de tomar decisões no nosso país, mas não apenas. A democracia também é entendida como uma forma de organizar a sociedade para o seu desenvolvimento. **Será que a crise põe em causa a avaliação positiva que se faz do 25 de Abril e da democratização em Portugal?**

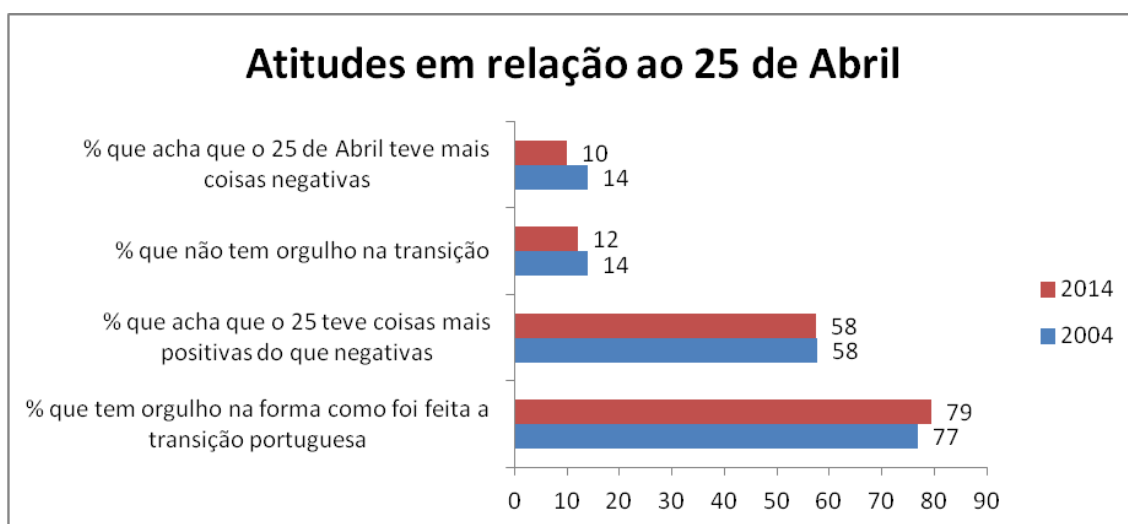
A última secção trata da questão dos legados políticos do 25 de Abril, vertidos na Constituição da República. Em que medida é que esta é entendida como um entrave ou como defensor da democracia e do regime tal como ele existe hoje? No final, esperamos poder compreender em que medida é que o 25 de Abril, enquanto símbolo da génese da democratização em Portugal constitui uma base sólida para o edifício da democracia.

## **1. Atitudes e objectivos do 25 de Abril**

O primeiro conjunto de dados que analisamos mostra os sentimentos dos cidadãos portugueses em relação ao 25 de Abril (Figura 1). A grande maioria (57.5%) dos portugueses considera que o 25 de Abril devia passar à história como algo que teve mais consequências positivas do que negativas. No pólo oposto, apenas 9,5% considera que teve mais consequências negativas do que positivas. É pois o primeiro

indicador de uma perspectiva de um legado positivo e consensual do 25 de Abril. Comparando com 2004, verificamos que existe uma consolidação de uma imagem positiva do 25 de Abril. Embora a mesma percentagem de inquiridos afirmasse que o 25 de Abril teve consequências mais positivas do que negativas, havia mais inquiridos a considerar o contrário (13.6%). Assim, vemos que no espaço de uma década há um consenso que aumenta ligeiramente em torno do legado do 25 de Abril.

**Figura 1. Atitudes em relação ao 25 de Abril**

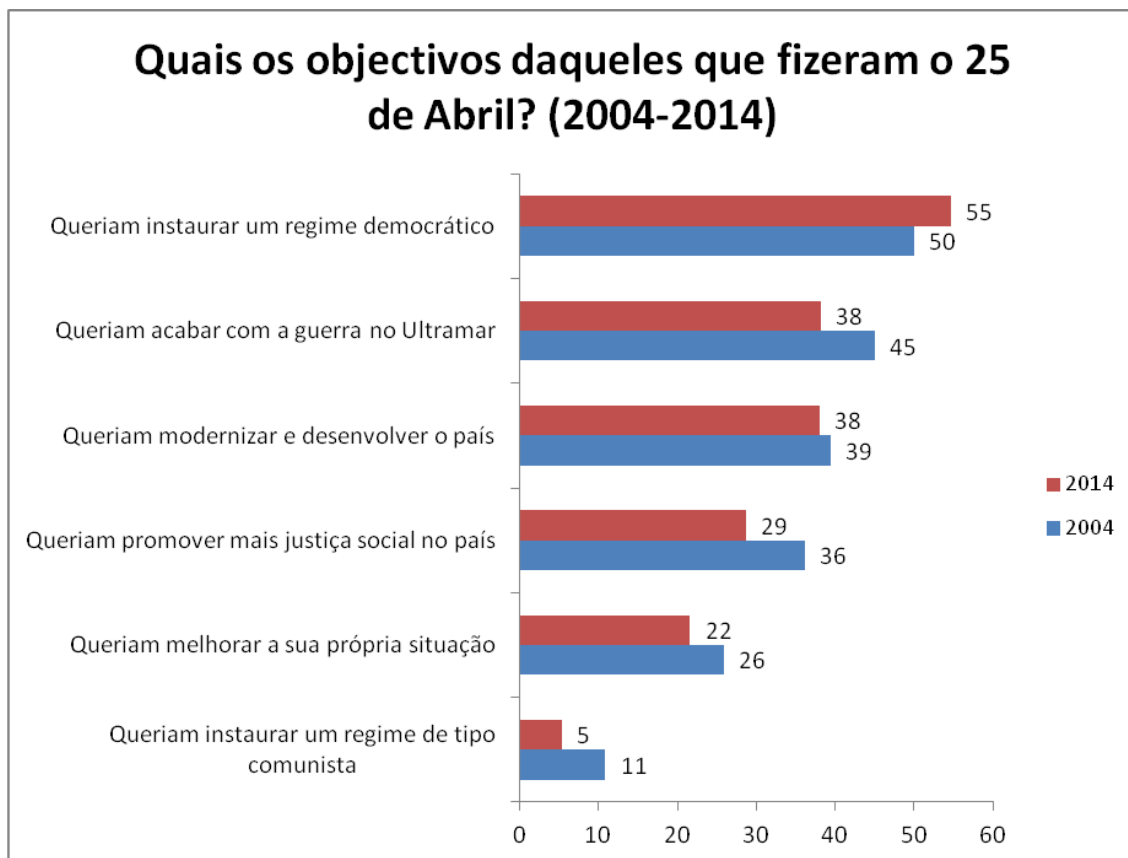


Fonte: Inquérito 40 anos do 25 de Abril, 2004. Ns/Nr não são mostrados.

Na mesma figura 1 vemos que a grande maioria dos inquiridos – 79% - sente que a forma como se levou a cabo o 25 de Abril é um motivo de orgulho para os portugueses, tendo essa percentagem subido ligeiramente em relação a 2004 (77%). Em contrapartida a percentagem daqueles que não sentem orgulho na transição portuguesa diminuiu dois pontos percentuais.

Do ponto de vista dos objectivos do 25 de Abril, a maioria dos portugueses (55%) considera que a democratização foi o principal objectivo do Golpe de Estado, seguido da descolonização e do desenvolvimento do país, ambos com 38% de concordâncias. Em 2004, os três Ds já eram tidos como os principais objectivos do 25 de Abril, mas havia uma maioria menos significativa que considerava a democratização como objectivo do 25 de Abril. De referir também que a percentagem daqueles que pensa que o objectivo do 25 de Abril foi o de instaurar um regime comunista diminuiu para metade, ficando agora nos 5%.

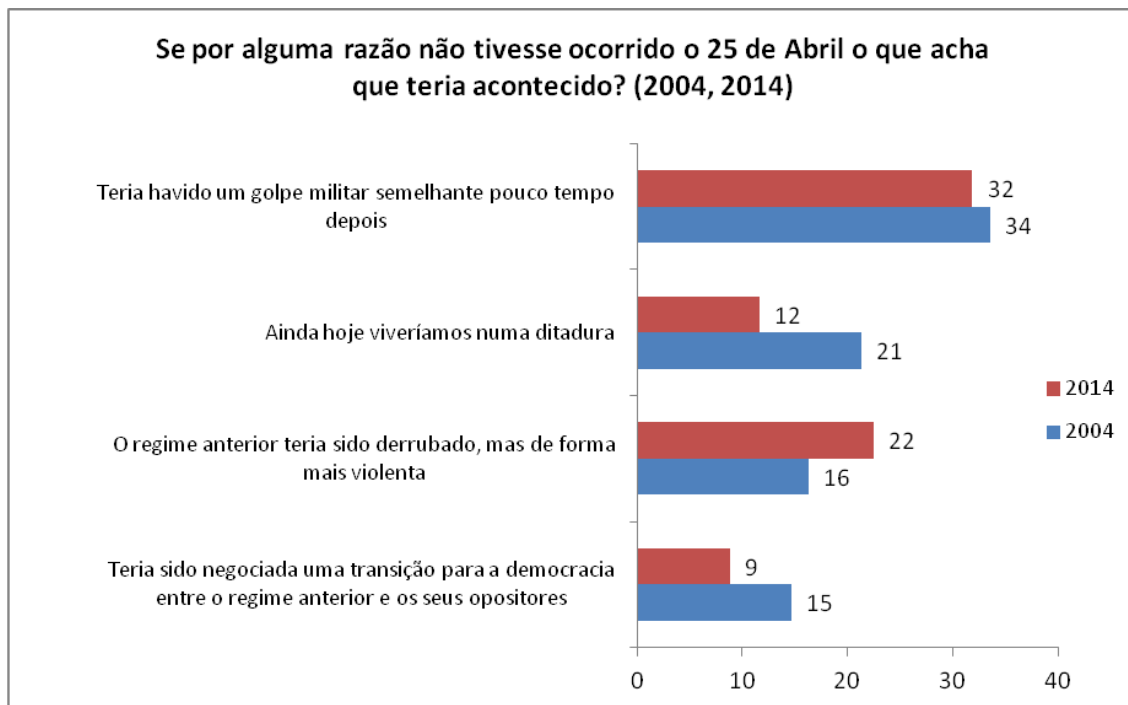
Figura 2. Os objectivos do 25 de Abril



Fonte: Inquérito 40 anos do 25 de Abril, 2004 e 2014.

O propósito da Figura seguinte era o de convidar os inquiridos a imaginar cenários prováveis caso não tivesse tido lugar o 25 de Abril. Muito poucos (e cada vez menos) acreditam que a alternativa possível tivesse sido uma transição política negociada entre os opositores e o regime. Mais de 30 por cento acha que teria havido um golpe de Estado semelhante pouco tempo depois. A segunda alternativa mais escolhida seria a de um golpe de uma transição mais violenta do que aquela que configurou o 25 de Abril. Ao mesmo tempo, de 2004 para 2014 passaram de 20% para 10% aqueles que acreditam que viveríamos ainda hoje em ditadura.

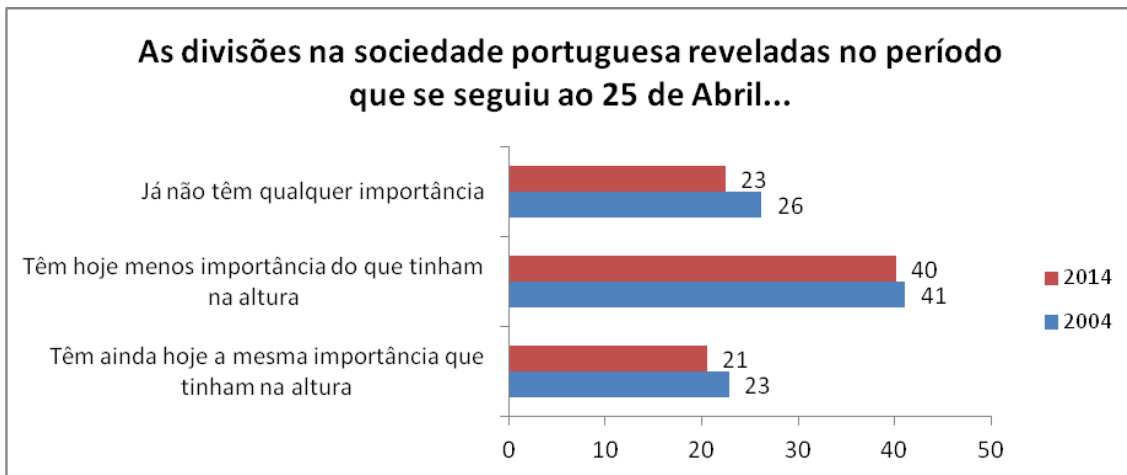
Figura 3: Os contrafactuais do 25 de Abril



Fonte: Inquérito 40 anos do 25 de Abril, 2004 e 2014.

Do mesmo modo, mais de 60 por cento dos inquiridos considera que as divisões na sociedade surgidas no período que se seguiu ao 25 de Abril ou não têm qualquer importância, ou têm menos importância do que tinham na altura, percentagens que não alteram significativamente de 2004 para 2014. **O 25 de Abril por isso, consolidou-se na recordação dos portugueses como um símbolo político positiva, que suscita orgulho, que teve como principal objectivo a democratização do país, e que as divisões que criou são menos ou nada importantes hoje. De 2004 para 2014 esta imagem positiva do 25 de Abril consolidou-se entre os portugueses.**

Figura 4: Importância dada às divisões surgidas no pós-25 de Abril



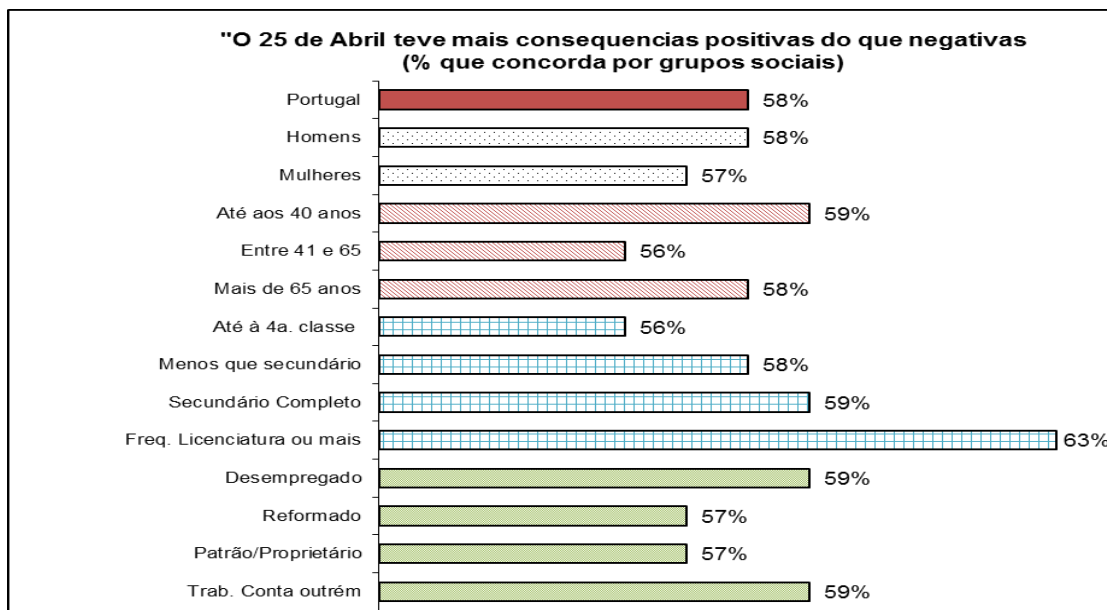
Fonte: Inquérito 40 anos do 25 de Abril, 2004 e 2014.

De seguida averiguamos em que medida é que estas atitudes são transversais em Portugal, tanto a nível dos factores sociais como das atitudes políticas. Fazemo-lo em três etapas: em primeiro lugar apresentamos alguns dados descritivamente. De seguida analisamos algumas correlações entre variáveis socio-políticas e atitudes em relação ao 25 de Abril. Finalmente, efectuamos análises de regressão logística, para, numa análise multivariada compreendermos a importância explicativa de cada variável. Os gráficos 5 a 7 apresentam frequências por variáveis socio-demográficas chave para as três principais questões sobre os significados e objectivos do 25 de Abril.

No gráfico 5 apresentamos a percentagens de indivíduos que considera que o 25 de Abril teve mais consequências positivas do que negativas, por grupos sociais. Verificamos que não existem grandes diferenças entre os grupos sociais seleccionados. Entre homens e mulheres, as diferenças são de um ponto percentual. Entre gerações de indivíduos nascidos antes e depois do 25 de Abril as diferenças não vão além dos dois pontos percentuais. O mesmo se verifica quando observamos a opinião dos portugueses segundo a sua situação profissional. Só existe alguma diferença de opinião entre graus de escolarização. Enquanto 56% daqueles que afirmam ter apenas completado a 4ª. Classe concordam com a frase, entre aqueles que têm pelo menos uma licenciatura 63% estão de acordo que o 25 de Abril teve mais consequências positivas do que negativas.

**Figura 5. “25 de Abril teve mais consequências positivas do que negativas” por grupos sociais.**

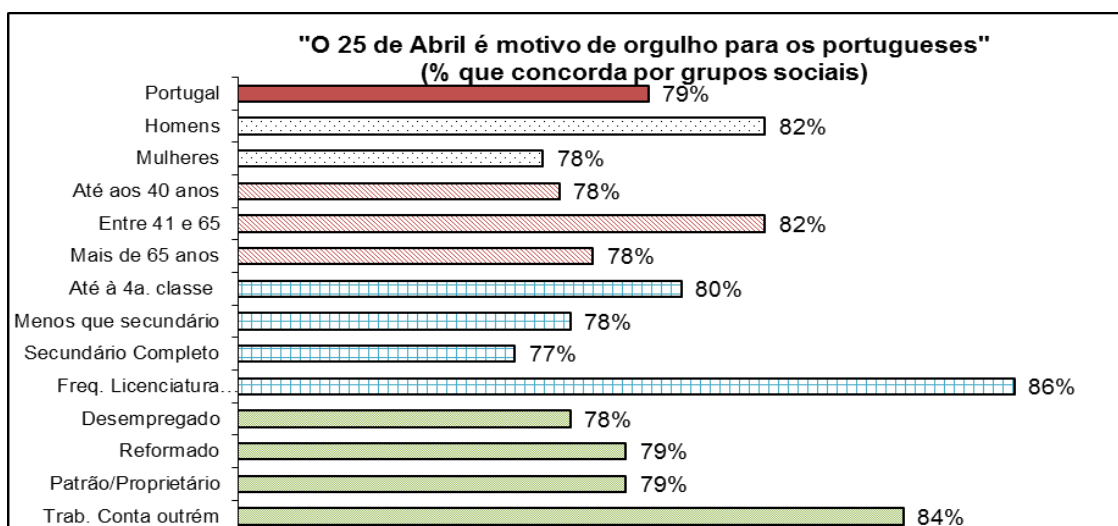




Fonte: Inquérito 40 anos do 25 de Abril, 2004 e 2014.

Quanto ao orgulho na transição para a democracia, a Figura 6 abaixo mostra as diferenças face à média da população portuguesa. Verifica-se um padrão semelhante ao que ocorre na Figura anterior.

Figura 6. "25 de Abril é motivo de orgulho para os portugueses" por grupos sociais



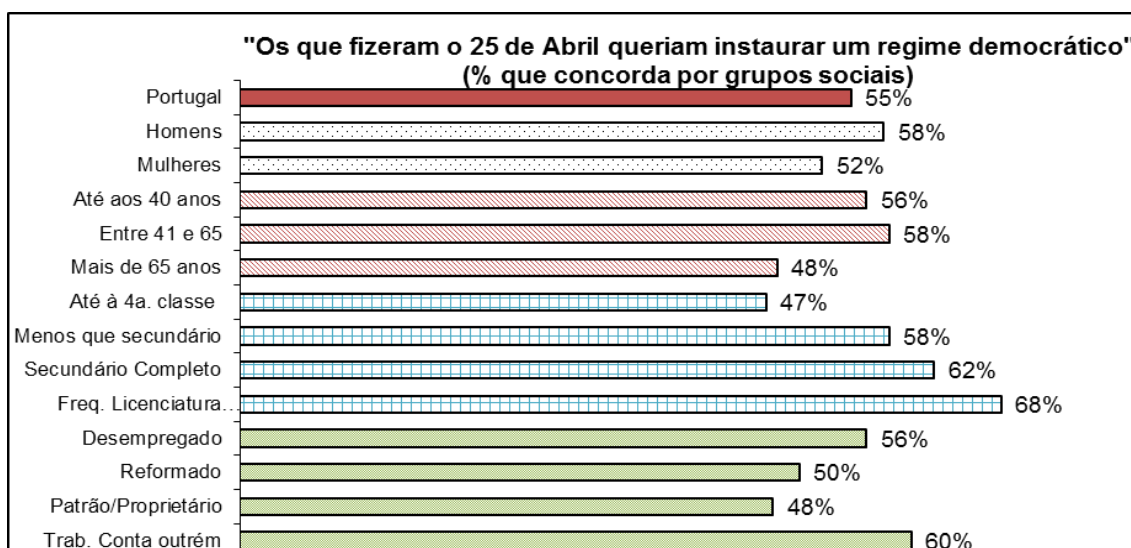
Fonte: Inquérito 40 anos do 25 de Abril, 2004 e 2014.

Existem poucas diferenças entre homens e mulheres, bem como entre gerações de portugueses (4 pontos percentuais). A maior diferença surge entre aqueles que detêm pelo menos uma licenciatura, que são aqueles que mais orgulho sentem no 25 de Abril – com mais 7 pontos percentuais do que a média portuguesa. No que diz respeito à situação profissional,

os trabalhadores por conta de outrem também se destacam, com 84 % a concordar com a afirmação.

A Figura 7 abaixo apresenta a proporção de indivíduos que concorda que o 25 de Abril teve como objectivo democratizar o país por grupos sociais. Mais uma vez, e tal como ocorre nos gráficos anteriores, não se vislumbra grandes diferenças entre género e a média do país. No que diz respeito à idade existe uma tendência para os mais idosos estarem menos de acordo com a afirmação – apenas 48 % concordam com a frase, enquanto nas gerações mais novas esse valor oscila entre os 56 e 58 por cento. Entre trabalhadores por conta de outrem e patrões também há diferenças estando os primeiros mais de acordo (60%) do que os segundos quanto à afirmação. A maior diferença percebida na Figura 7 é aquela que distingue entre a escolarização dos indivíduos. Enquanto apenas 47% dos inquiridos que têm apenas a 4ª classe completa concordam que o objectivo do 25 de Abril foi democratizar o país, 68% são da mesma opinião entre os que têm pelo menos o curso superior.

**Figura 7: “O 25 de Abril teve como objectivo democratizar o país”, por grupos sociais**

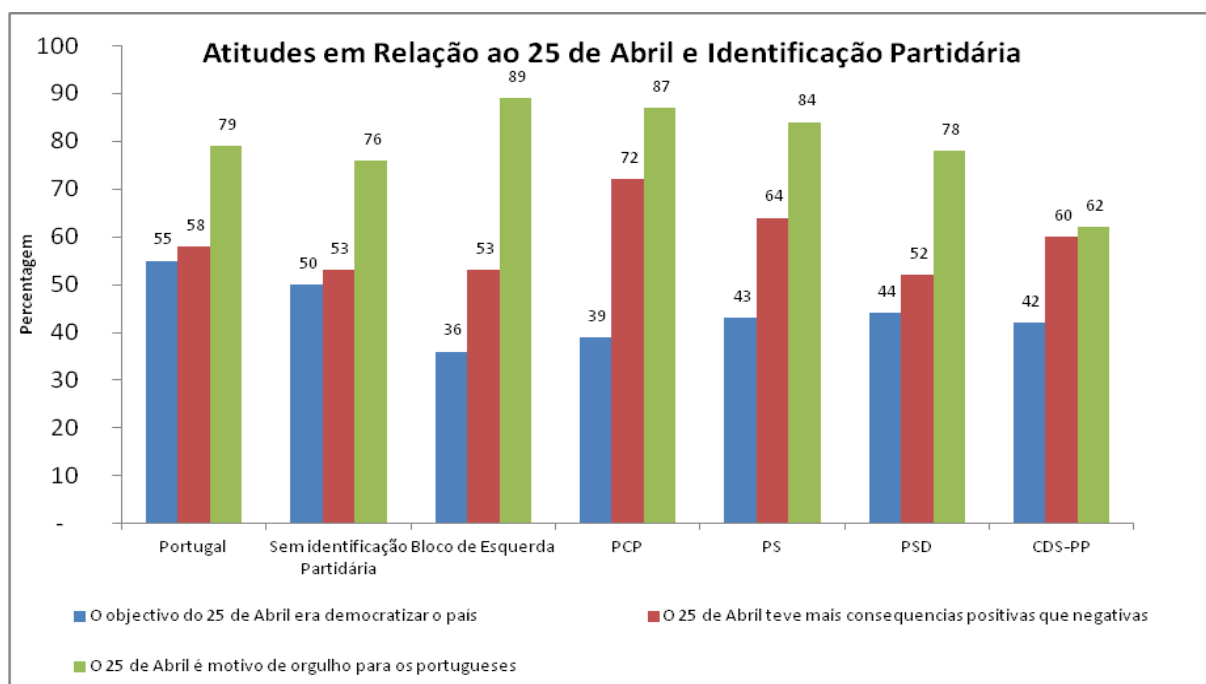


**Fonte: Inquérito 40 anos do 25 de Abril, 2004 e 2014.**

Ainda antes de apresentarmos as correlações, vale a pena apresentar alguns dados sobre a relação entre a identificação partidária e concordância com as afirmações acima. Na Figura 8 abaixo fica claro que existe um consenso maioritário, tanto na questão do orgulho no 25 de Abril, como no facto do 25 de Abril ter tido mais consequências positivas do que negativas. À direita, no que diz respeito à questão do orgulho, as percentagens para os que se identificam com o PSD e o CDS-PP são respectivamente 78 e 62 por cento. Já quanto à concordância com o facto do 25 de Abril ter tido mais aspectos positivos do que negativos, 52% dos que se identificam com o PSD e 60% dos que se identificam com o CDS estão de acordo. São percentagens inequívocas que mostram a consensualização das atitudes em relação ao 25 de Abril entre aqueles que têm simpatia partidária. Mesmo assim, existem diferenças se olharmos da esquerda para a direita, especialmente na questão do orgulho. Já

quanto à democratização como objectivo, vemos que ela não é tão consensual como as anteriores, e tende a ser mais prevalente à direita do que à esquerda.

**Figura 8: Atitudes em Relação ao 25 de Abril e a identificação partidária**



**Fonte: Inquérito 40 anos do 25 de Abril, 2004 e 2014.**

Depois da descrição dos dados podemos agora passar a uma análise mais sistemática da importância destas variáveis na explicação das atitudes em relação ao 25 de Abril. Na tabela abaixo mostramos resultados de correlações entre os sentimentos sobre o 25 de Abril e seu principal significado e as seguintes variáveis socio-políticas: idade, escolaridade, identificação partidária, posicionamento ideológico, atitudes em relação à democracia, e em relação à crise. A tabela 1 abaixo mostra o seguinte: Do ponto de vista dos sentimentos em relação ao 25 de Abril, bem como ao seu significado, a idade não faz diferença. Independentemente da geração em que os inquiridos se encontram, não encontramos diferenças entre uns e outros na propensão para considerar o 25 de Abril positivo, ter nele orgulho, ou achar que o seu principal objectivo foi o de democratizar o país. Já quanto à escolaridade do indivíduo, quanto maior a frequência e grau de escolarização obtidos maior a propensão para considerar que o 25 de Abril teve como objectivo a democratização. No que diz respeito às âncoras políticas, isto é o posicionamento na escala esquerda-direita e a identificação partidária, é o primeiro que correlaciona positivamente com os sentimentos de orgulho e positivos em relação ao 25 de Abril. O posicionamento ideológico é uma âncora política por um lado mais abrangente e por outro mais forte do que a identificação partidária no que diz respeito às atitudes em

relação ao 25 de Abril. Finalmente, no que toca as atitudes em relação à democracia distinguimos entre satisfação conjuntural com a democracia e adesão ao regime democrático. A variável que mede satisfação com a democracia é a única selecionada que correlaciona positivamente com as três: isto é: são aqueles que estão mais satisfeitos com a democracia que consideram o 25 de Abril positivo, têm orgulho nele e acham que o principal objectivo do golpe de estado foi a democratização do país (Tabela 1).

**Tabela 1. Correlações entre Variáveis sociais e políticas e Atitudes em Relação ao 25 de Abril**

	Orgulho na Transição (sim/não)	25 de Abril mais coisas positivas que negativas (pos-neg)	Quem fez o 25 de Abril queria democratizar o país (não/sim)
Gerações (- / +)	.016 (.579) 1137	.048 (.097) 1172	-.046 (.101) 1254
Educação (- / +)	-.021 (.487) 1137	-.031 (.296) 1172	.147** (.000) 1254
Posicionamento Esq-Dta	.089* (.010) 823	.096** (.005) 838	.008 (.817) 874
Identificação Partidária (esq-dta)	.092 (.056) 437	.065 (.164) 453	-.038 (.412) 468
A minha qualidade de vida foi afectada pela crise (muito/nada)	-.031 (.279) 1244	-.009 (.746) 1166	.008 (.796) 1132
Satisfação com Democracia (muito/pouco)	.194** (.000) 1125	.083** (.005) 1158	-.081** (.004) 1235
Democracia é o melhor regime (sim/não)	.055 (.068) 1086	.165* (.000) 1107	-.159** (.000) 1173

\*\* . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

\* . Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

De seguida, criámos três modelos, onde as mesmas variáveis socio-políticas são utilizadas para explicar a distribuição da amostra para as três questões em análise. A saber o grau de orgulho no 25 de abril, a percepção de que este teve mais consequências positivas do que negativas e finalmente a ideia de que o 25 de Abril se fez para democratizar o regime. Recodificámos as três variáveis de forma dicotómica. Dos três modelos, todos têm valores modestos de variância explicada global. No caso do orgulho no 25 de Abril, a identificação partidária e a satisfação com a democracia são variáveis significativas: quem se identifica com partidos mais à esquerda, e quem está mais satisfeito com a forma com funciona a democracia em Portugal sente mais orgulho. No caso do sentimentos positivos em relação ao 25 de Abril apenas uma variável é significativa, a saber a satisfação com a democracia. No último modelo analisado, aqueles com mais escolaridade e os que consideram a democracia o melhor regime são os que pensam que o 25 de Abril teve como objectivo democratizar o país.

**Tabela 2: Uma análise multivariada das atitudes em relação ao 25 de Abril**

	<b>Modelo 1</b>  DV: Orgulho na Transição  (1-Sim/2-não)	<b>Modelo 2</b>  DV: 25 de Abril mais coisas positivas do que negativas  (1-Sim/2-não)	<b>Modelo 3</b>  DV: Objectivo foi democratizar  (0-não/1-sim)
<b>Gerações</b> (- / +)	<b>-.02 (.26)</b>	<b>.12 (.16)</b>	<b>.09 (.16)</b>
<b>Educação</b> (- / +)	<b>-.16 (.19)</b>	<b>.07 (.11)</b>	<b>.47 (.12)***</b>
<b>Posicionamento Esq-Dta</b>	<b>.002 (.10)</b>	<b>.10 (.06)</b>	<b>-.01 (.03)</b>
<b>Identificação Partidária</b> (esq-dta)	<b>.54 (.26)**</b>	<b>.04 (.15)</b>	<b>-.10 (.15)</b>
<b>Satisfação com</b> <b>Democ.(muito/pouco)</b>	<b>.79 (.25)**</b>	<b>.28 (.14)**</b>	<b>-.09 (.14)</b>
<b>Democracia o melhor</b> <b>regime (sim/não)</b>	<b>.13 (.24)</b>	<b>.25 (.17)</b>	<b>-.43 (.17)**</b>
<b>A minha qualidade de</b> <b>vida foi afectada pela</b> <b>crise (muito/nada)</b>	<b>-.08 (.20)</b>	<b>-.13 (.13)</b>	<b>-.15 (.12)</b>
<b>Constante</b>	<b>-6.0***</b>  <b>(1.36)</b>	<b>-2.50**</b>  <b>(.81)</b>	<b>.73</b>  <b>(.79)</b>
<b>Pseudo r2</b>	<b>.10</b>	<b>.045</b>	<b>.10</b>
<b>n</b>	<b>410</b>	<b>419</b>	<b>431</b>

Assim, a análise feita até aqui permite realçar o seguinte: as atitudes em relação ao 25 de Abril, seja no que diz respeito ao orgulho, seja no que concerne as consequências positivas consensualizaram-se. Além disso, e no que diz respeito ao inquérito realizado em 2004, estas atitudes positivas tornaram-se relativamente mais consensuais entre os indivíduos. Entre os grupos sociais analisados, as diferenças na escolaridade, são o factor demográfico mais relevante. Quanto mais elevada a escolaridade maior a propensão para uma apreciação positiva

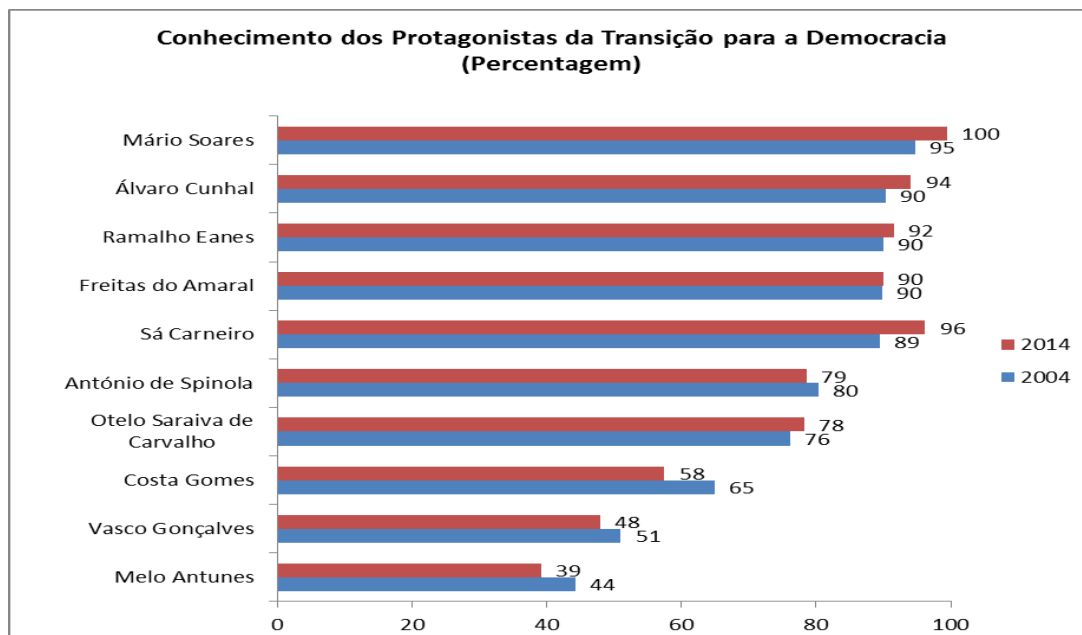
do 25 de Abril. Existem, apesar do consenso, diferenças consoante a identificação partidária do inquirido, sendo os inquiridos mais à direita um pouco menos entusiastas em relação ao 25 de Abril. Aqueles que estão mais insatisfeitos com a forma como funciona a democracia em Portugal também têm tendência a ter uma perspectiva mais negativa do 25 de Abril.

## **2. Os Protagonistas do 25 de Abril**

De seguida, debruçamo-nos sobre os homens que fizeram a história do 25 de Abril. No inquérito existiam duas perguntas sobre os protagonistas, nomeadamente para aferir o seu reconhecimento por parte da população portuguesa, por um lado, e a sua imagem, por outro. A apreciação dos protagonistas permite aprofundar dois temas. Por um lado, saber em que medida é que a memória desses tempos do 25 de Abril está a ser preservada entre as gerações mais jovens. Será que aqueles que já nasceram depois do 25 de Abril conhecem os militares de Abril da mesma forma que quem ainda se lembra de ter acompanhado a transição? Por outro lado, a imagem dos protagonistas da transição irão permitir aprofundar a questão do grau de politização do 25 de Abril entre os portugueses. Os protagonistas apresentados assumiram posicionamentos ideológicos diferenciados senão contraditórios e na medida em que esses conflitos ainda forem relevantes hoje a imagem dos protagonistas devia ser diferente, da esquerda para a direita. São esses dois temas, o da preservação da memória nas gerações mais novas e o do entendimento politizado do 25 de Abril ou não.

A Figura 9 mostra-nos as percentagens de inquiridos que afirma conhecer cada um dos protagonistas do 25 de Abril, em 2004 e 2014. Existe uma diferença evidente de reconhecimento entre aqueles protagonistas que tiveram uma actividade partidária continuada na política portuguesa (Cunhal, Soares, Freitas, Sá Carneiro e Eanes) ou porque lideraram partidos, ou porque exerceram cargos governativos (ou ambos), e os restantes protagonistas, menos conhecidos da população em geral. Para Spinola, Otelo, Costa Gomes, Vasco Gonçalves e Melo Antunes, a percentagem que afirma conhecê-los diminuiu, com excepção de Otelo, autor de memórias publicadas recentemente.

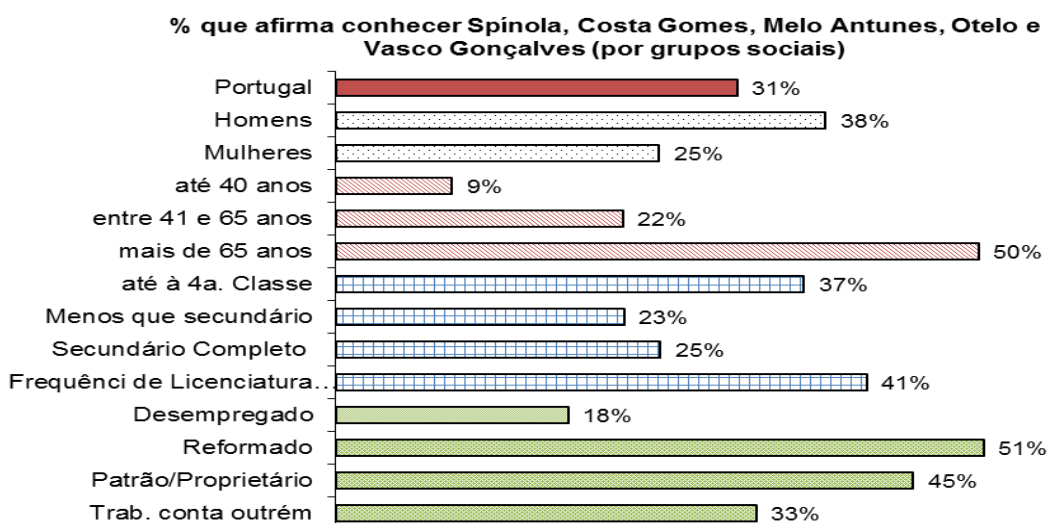
**Figura 9: Conhece os Protagonistas do 25 de Abril?**



**Fonte: Inquérito 40 anos do 25 de Abril, 2004 e 2014.**

Para compreender em que medida estamos perante um “esquecimento” geracional apresentamos agora dados sobre o conhecimento dos protagonistas mais ligados ao período da transição, por grupos sociais. Criámos uma variável composta que distingue entre indivíduos que afirmaram conhecer Spínola, Otelo, Costa Gomes, Gonçalves e Melo Antunes, daqueles que admitiram que não sabem quem é pelo menos um destes protagonistas do 25 de Abril. A Figura 10 mostra que apenas 31% dos inquiridos admite conhecer estes protagonistas. De salientar que existe uma diferença substancial entre homens e mulheres, com respectivamente 38 e 25% a reconhecer todos estes protagonistas. Mas a variável socio-demográfica mais importante deste ponto de vista é a idade. Assim, mais de 50 por cento dos que têm hoje mais de 65 anos conhece estes protagonistas, enquanto entre os que nasceram depois do 25 de Abril, esse valor fica nos 9 por cento. Quando olhamos para as categorias profissionais são os reformados – isto é os idosos – que se destacam no conhecimento dos protagonistas. Existe também um efeito de escolarização, embora as diferenças sejam menores que entre as gerações. Estes dados mostram que o consenso que se tem gerado sobre o 25 de Abril é também feito de algum desconhecimento em relação aos detalhes e episódios da nossa transição para a democracia. Estamos a caminhar para a transformação do 25 de Abril num símbolo, relativamente consensual, e também desprovido de conteúdo histórico preciso.

**Figura 10: Percentagem que conhece os protagonistas da Transição para a Democracia, por grupos sociais**

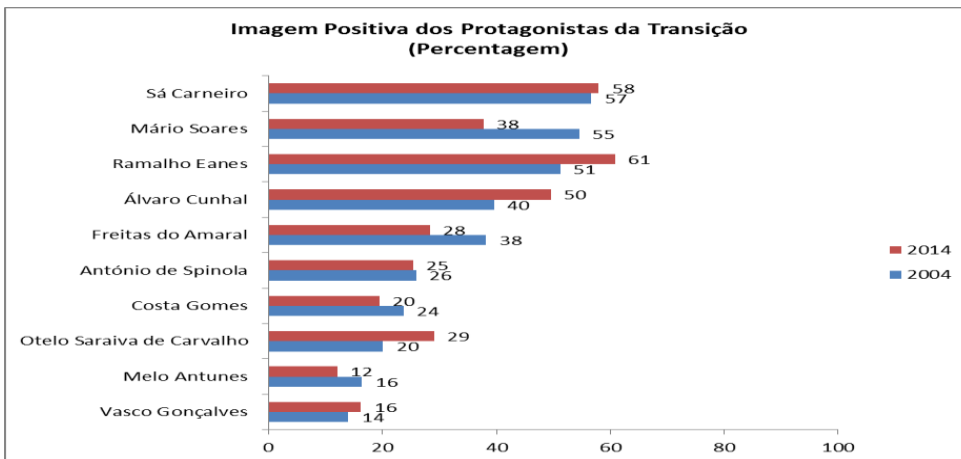


**Fonte: Inquérito 40 anos do 25 de Abril, 2004 e 2014.**

A Figura 11 dá conta da imagem positiva destes protagonistas. As diferenças percentuais na imagem dos protagonistas derivam em parte do grau de desconhecimento dos mesmos. De 2004 para 2014 de salientar a quebra na imagem positiva de Soares, a maior perda, o que sugere que a continua actividade política leva à degradação da imagem. Do lado oposto, os líderes partidários falecidos continuam a gerar mais consenso (Sá Carneiro e Cunhal). Quanto aos protagonistas da transição que não tiveram papel saliente depois dela na política nacional todos perdem alguma imagem positiva, com excepção de Otelo Saraiva de Carvalho.

**Figura 11. A Imagem Positiva dos Protagonistas da Transição**

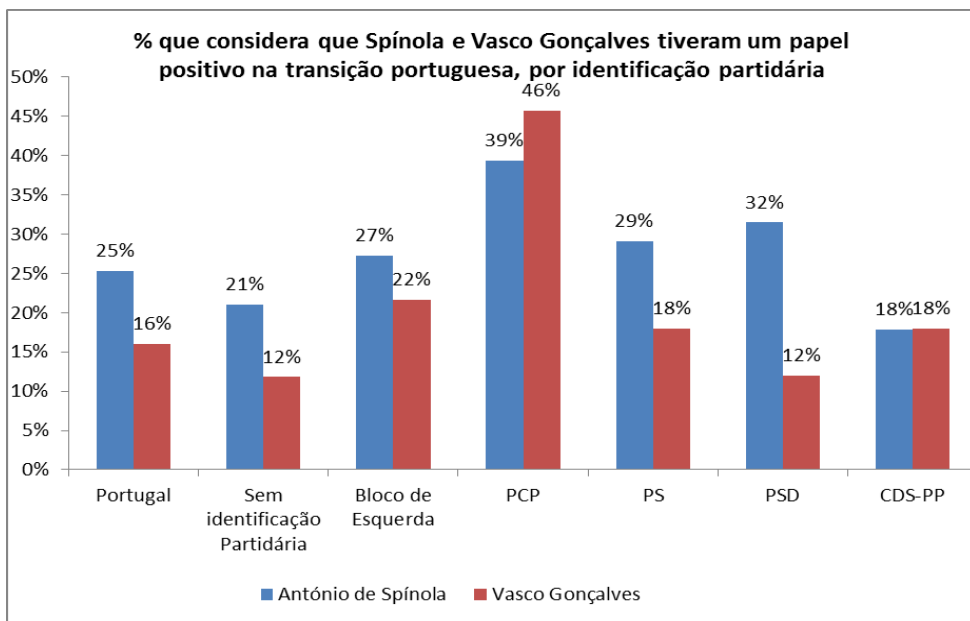




**Fonte: Inquérito 40 anos do 25 de Abril, 2004 e 2014.**

Mais do que fazer suposições sobre o que terá acontecido para estas oscilações de imagem entre os protagonistas, interessa tentar compreender em que medida os portugueses se distinguem por identificação partidária e posicionamento ideológico na imagem que têm dos protagonistas. Esta pergunta é importante porque vai mostrar em que medida é que as clivagens políticas surgidas em 1974-1976 se repercutem e estruturam até hoje a identificação partidária em Portugal. Assim, como primeira abordagem a essa questão a Figura 12 mostra a % daqueles que têm imagem positiva de Vasco Gonçalves e António de Spínola por identificação partidária. Escolhemos estes protagonistas porque estão relacionados com pulsões muito diferentes na transição para a democracia. Vasco Gonçalves, Primeiro-Ministro dos governos provisórios (II a V) do Verão Quente ficou associado às medidas sociais mais esquerdizantes do PREC; António de Spínola, enquanto Presidente da República até Setembro de 1974 e associado a uma linha mais direita do PREC. A Figura 12 abaixo mostra que podemos concordar com esta afirmação no que diz respeito a Vasco Gonçalves, sendo que a média de afirmações positivas à direita não ultrapassa os 12% para o PSD e 18% para os eleitores do CDS-PP enquanto à esquerda chega aos 46% para o PCP, com o PS assumindo uma posição ambivalente e ficando nos 18%. Já quanto a Spínola, as percentagens não cumprem em larga medida o esperado, porventura por um maior desconhecimento sobre o seu papel ao longo da transição para a democracia.

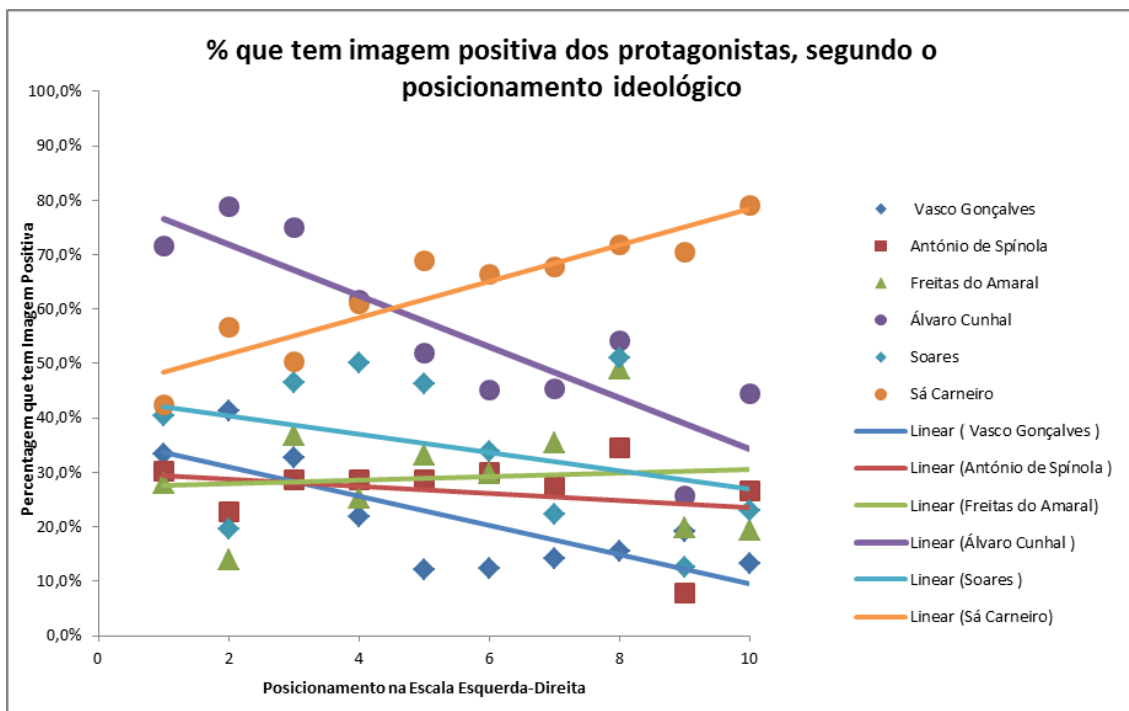
**Figura 12: Protagonistas consensuais? % que tem imagem positiva de Vasco Gonçalves e António de Spínola, por identificação partidária**



**Fonte: Inquérito 40 anos do 25 de Abril, 2004 e 2014.**

Finalmente, e para compreender ainda um pouco melhor em que medida é que as clivagens do 25 de Abril, personificadas nos protagonistas perduram ainda nos eleitores portugueses a Figura 13 abaixo mostra a forma como a percentagem de imagem positiva dos líderes correlaciona com o posicionamento esquerda-direita dos inquiridos. Verificamos que apenas três destes –Cunhal, Sá Carneiro e Freitas – têm uma correlação significativa, e na direcção esperada com o posicionamento na escala esquerda-direita. Todos eles são líderes partidários que fizeram a sua marca durante, mas também depois do 25 de Abril. Dos protagonistas do 25 de Abril em exclusivo, nenhum sobressai como tendo uma imagem significativamente diferente, segundo o posicionamento ideológico.

**Figura 13: Imagem positiva dos protagonistas, segundo o posicionamento ideológico**



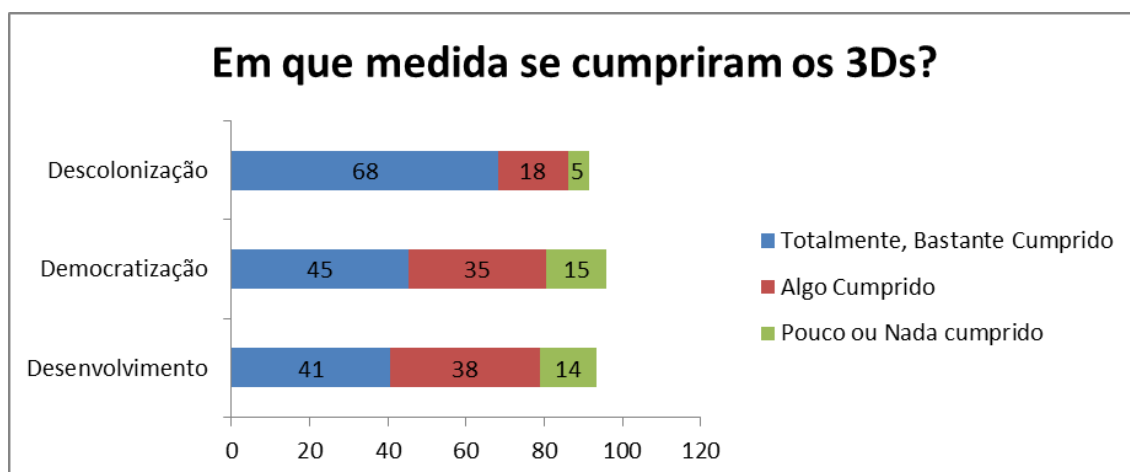
Fonte: Inquérito 40 anos do 25 de Abril, 2004 e 2014.

Assim, no que diz respeito aos protagonistas, podemos concluir que o 25 de Abril, entre o eleitorado está a consolidar uma imagem algo nebulosa. Temos uma percepção positiva, e algo “limpa”, sem percalços nem muitos episódios que marcaram a transição para a democracia. Os protagonistas vão perdendo relevo e relevo e reconhecimento pelo público em geral, mesmo se para alguns líderes partidários, em particular do PCP e do PSD e CDS, eles encarnam uma diferença significativa em termos de imagem positiva, da esquerda para a direita.

### 3. Os legados do 25 de Abril

No inquérito houve várias questões colocadas que remetem para os legados do 25 de Abril que importa discutir aqui. A questão é saber que legados existem, em que medida eles são consensuais entre a população portuguesa, que diferenças há entre 2004 e 2014. Será que a crise económica influencia a percepção sobre os legados do 25 de Abril? Começamos por apresentar a percepção sobre a forma como se cumpriram os 3 Ds, a saber a descolonização, o desenvolvimento e a democratização. Verificamos que existe uma diferença importante entre a descolonização e os restantes objectivos. Enquanto uma larga maioria considera totalmente ou bastante cumprida a descolonização (68%), apenas uma minoria concorda que a democratização (45%) ou o desenvolvimento (41%) o estejam.

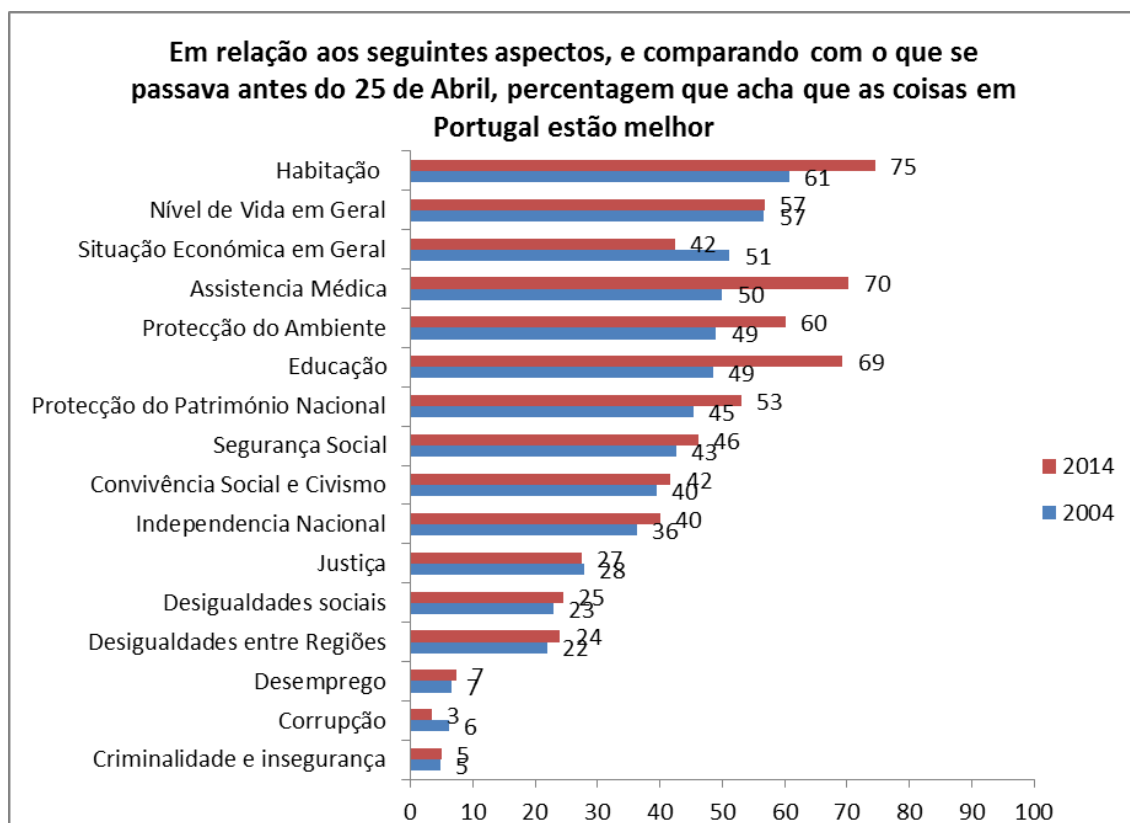
Figura 14: Legados do 25 de Abril – Os “3Ds”



Fonte: Inquérito 40 anos do 25 de Abril, 2004 e 2014.

Sendo o desenvolvimento enquanto objectivo aquele que terá ficado em maior medida por cumprir, importa explorar um pouco mais algumas das dimensões do desenvolvimento que estão precisamente discriminadas na Figura 15. Em primeiro lugar, é de destacar por um lado as áreas sociais onde a larga maioria dos portugueses considera que houve melhorias em relação ao que ocorria antes do 25 de Abril, a saber: habitação, assistência médica, educação, protecção do ambiente, nível de vida em geral e protecção do património. No pólo oposto, encontramos percentagens muito reduzidas que consideram que a criminalidade e insegurança, a corrupção e o desemprego estejam melhor agora do que no período antes do 25 de Abril. Antes de tentarmos compreender que factores socio-políticos poderão estar associados a alguns destes legados, importa salientar a subida substancial que algumas áreas tiveram na última década. Assim, no que diz respeito à educação, assistência médica e habitação temos uma primeira percepção sobre a forma como a crise vivida nos últimos anos poderá ter alterado a percepção dos portugueses sobre esta questão. Estarão os portugueses a sentir os ganhos do Estado Social ameaçados e por conseguinte mais tendentes a enaltecê-los? É uma hipótese que fica em aberto.

**Figura 15: Legados do 25 de Abril- a situação em que estão algumas dimensões chave do desenvolvimento.**



**Fonte: Inquérito 40 anos do 25 de Abril, 2004 e 2014.**

Na tabela seguinte apresentamos correlações entre as principais variáveis sociais e políticas utilizadas anteriormente para averiguar das atitudes em relação ao 25 de Abril.

**Tabela 3: Concordância com melhorias em Dimensões Chave do Desenvolvimento e Factores socio-políticos**

	Educação	Assistência Médica	Segurança Social	Desigualdades sociais
<b>Gerações (- / +)</b>	.027 (.348) 1179	.082** (.005) 1153	.023 (.45) 1121	.089** (.003) 1139
<b>Educação (- / +)</b>	-.076** (.009) 1179	-.062 (.034) 1153	-.034 (.251) 1121	-.047 (.116) 1139
<b>Identificação Partidária (esq-dta)</b>	-.081* (.018) 845	-.048 (.166) 826	-.016 (.653) 808	-.009 .798 823
<b>Posicionamento Esq-Dta</b>	.062 (.189) 455	.044 (.35) 443	.039 (.414) 433	.102* .032 440
<b>Satisfação com Democ.(muito/pouco)</b>	-.072* (.014) 1166	-.079** .007 1142	-.105** .000 1111	-.056 .059 1130
<b>Democracia o melhor regime (sim/não)</b>	-.125* (.000) 1114	-.178** .000 1093	-.118** .000 1067	-.119** .000 1084
<b>A minha qualidade de vida foi afectada pela crise (muito/nada)</b>	.091** (.002) 1175	.064 (.03) 1149	.08** (.007) 1118	.07* .019 1135

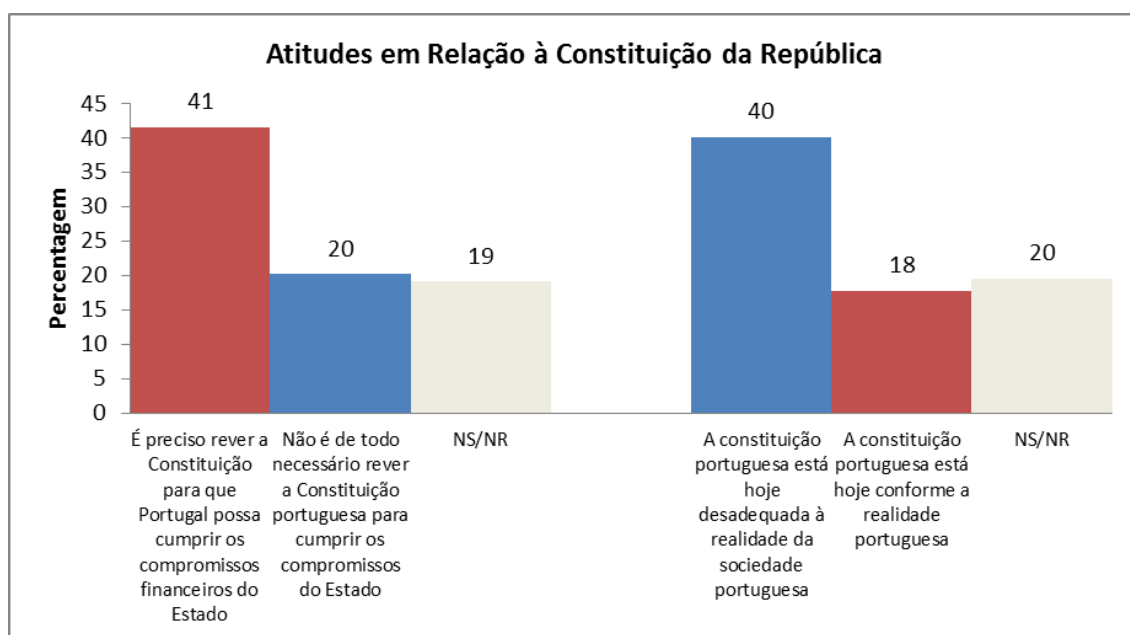
Fonte: Inquérito 40 anos do 25 de Abril, 2004 e 2014.

#### 4. 25 de Abril e a Democracia hoje

Nesta secção o que fazemos é apresentar os dados finais sobre atitudes em relação à democracia hoje e variáveis socio-políticas relevantes.

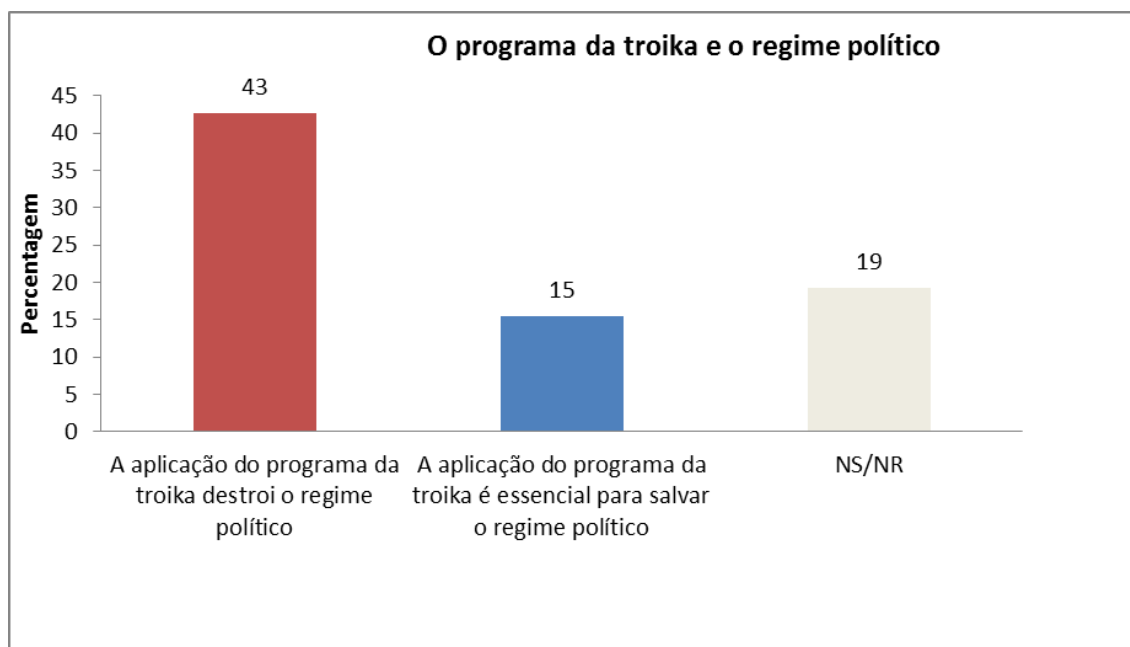
35% considera que a Constituição da República Portuguesa reflecte mais os interesses da esquerda (mas 39% não sabe responder à pergunta).

Figura 16: Atitudes em Relação à Constituição da República Portuguesa



Fonte: Inquérito 40 anos do 25 de Abril, 2004 e 2014.

Figura 17: A troika destrói o regime?



Fonte: Inquérito 40 anos do 25 de Abril, 2004 e 2014.

Tabela 4: Correlação entre Concordância com Necessidade de Rever a Constituição, atitudes em relação à Troika e Factores socio-políticos

	É preciso rever a Constituição para que Portugal possa rever os compromissos do Estado	A Constituição está hoje desadequada à sociedade portuguesa	A aplicação do programa da troika destrói o regime político
Gerações (- / +)	.005 (.872) 1017	-.043 (.167) 1011	-.04 (.205) 1018
Educação (- / +)	-.027 (.381) 1017	.027 (.387) 1011	.051 (.102) 1018
Identificação Partidária (esq-dta)	.00 (1.00) 401	-.008 (.873) 400	-.192** (.000) 405
Posicionamento Esq-Dta	.012 (.736) 750	-.063 (.085) 749	-.075* (.039) 754
Satisfação com Democ.(muito/pouco)	.103** .001	.162** (.000)	.144** (.000)



	1013	1007	1013
<b>Democracia o melhor regime (sim/não)</b>	.136** .000 974	.031 (.343) 966	.026 .411 (976)
<b>A minha qualidade de vida foi afectada pela crise (muito/nada)</b>	-.002 .942 1012	-.019 .555 1006	-.076* .016 1013

Fonte: Inquérito 40 anos do 25 de Abril, 2004 e 2014.

##### 5. Conclusões do Estudo 40 anos do 25 de Abril

Em que medida o 25 de Abril se terá consensualizado entre os principais grupos sociais. Será que as gerações mais novas, aquelas que já nasceram em democracia têm a mesma perspectiva dos significados do 25 de Abril que aqueles que viveram em ditadura? A educação tem algum efeito sobre as atitudes em relação ao 25 de Abril?

em que medida essas diferenças existem também entre cidadãos? A identificação partidária com um partido de esquerda ainda leva a uma apreciação mais positiva do 25 de Abril? A direita revê-se no 25 de Abril, passados 40 anos da transição?

Será que a insatisfação hoje leva a sentimentos negativos também em relação ao 25 de Abril, ou há uma distinção entre o regime tal como ele foi criado e a situação política hoje?

Também faremos uma comparação entre os dados recolhidos em 2014 e um inquérito semelhante que foi realizado em 2004.

Será que a crise põe em causa a avaliação positiva que se faz do 25 de Abril e da democratização em Portugal?